



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO
Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. telegr. *Talheira - Lisboa* • Telefone: 7
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O MOVIMENTO FERROVIÁRIO

A greve ferroviária, que tudo fazia prever estar a findar, prossegue devido a uma intransigência incompreensível do governo e da Companhia, que parecem ter quaisquer interesses em prolongar a anomalia dos serviços de viação acerta. E se a hostilidade da opinião pública a tão inexplicável atitude, já era bem patente, mais se tem evidenciado a partir deste momento, em que o governo e a Companhia acabam de confessar que o movimento ferroviário ainda não terminou porque não querem, uma vez que os grevistas estão dispostos a negociar e a aceitar uma solução que não seja ofensiva para o seu brío de classe, atendendo aos prejuízos que está sofrendo o público com a completa desorganização do tráfego. A oposição à atitude dos dois poderosos, é universal; mesmo as associações industriais e comerciais para as existentes, que a princípio se apressaram em manifestar o seu apoio ao Estado, para que ele defendesse a ordem, ameaçada pelos operários que reclamavam mais dinheiro para poderem viver, já começam a manifestar opinião quasi que contrária, urrressando para a letra redonda um ofício que enviaram ao conselho de administração da C. P. — ofício que noutro lugar publicamos na íntegra — onde diz, nada mais nada menos, que as linhas ferroviárias estão a saque e que raras são as mercadorias que chegam intactas ao seu destino. Ora isto é conclusivo: a opinião pública, sem distinções, manifesta bem claramente o seu desejo de que os ferroviários voltem a trabalhar, afastando-se dos caminhos de ferro, os intrusos que por completo os desorganizaram.

Entende, porém, o sr. Sá Cardoso e a Companhia que não é assim, que não deve ser assim, pois querem que os grevistas voltem completamente derrotados para os seus lugares, depois de perseguidos, fermente por governantes que só tem coragem para perseguir os operários, ao passo que deixam os acambradores pescar à vontade nas águas turvas da carestia da vida. Não compreendem que os trabalhadores têm a sua dignidade, que, quando humilhados, têm coragem para sofrer tudo, com tanto que se desatrontem. Como não conhecem a psicologia do operariado, que julgam totalmente inconsciente, só utilizam para produzir fortunas fabulosas que a burguesia mete semcerimoniosamente nos cofres, enquanto esses operários estorram de fome, ou, então, para servir de degrau aos políticos profissionais e viderinhos que tantas abundam em Portugal, persistem na costurada orientação perante as manifestações da questão social; enquanto tiveram guarda republicana, bem armada e um parlamento totalmente maleável, que vote quantos créditos de 3:100

contos sejam necessários ou desnecessários, tem os homens da governança pública a certeza de que nenhum beliscão sofrera o intangível predomínio das classes parasitárias. Já mais de uma vez, nestas mesmas colunas, temos apontado quão errada e nefasta é essa orientação. Neste país todos os governos tem a preocupação de mostrar força; feitas bem as contas não tem força nenhuma, porque qualquer bando de políticos adversos, com quatro espingardas e uma metralhadora, deita-os abaixo. A mania, todavia, subsiste. Foi assim até à guerra civil de Janeiro. Depois, tudo continuou na mesma. E, como aos governantes os movimentos operários parecem oferecer esse enjeço de mostrar força, porque os trabalhadores não tem as quatro espingardas e a metralhadora dos políticos, sempre que eles se dão, vão de adoptar uma atitude a que não assiste a mínima parcela de raciocínio; não se olham as consequências futuras, o que é preciso é fugir à hidra que se atreve a aparecer em plena luz do sol.

Está-se dando isto com os ferroviários. O sr. Sá Cardoso entende, como genuíno representante da burguesia, que devia esmagar essa classe e para isso lançou mão de todos os processos. Houve quem lhe lembrasse que, se a República ainda existia, talvez fosse devido aos ferroviários. Mas ele não se importou com isso. Era preciso defender a ordem ameaçada, manter o silêncio dos barrigues vassal. Deslizaram os dias uns após outros e a greve colocada num tal pé de irreductibilidade, que dificilmente era solucionável. Apareceram mediadores, arranjaram-se plataformas, os grevistas transigiram consideravelmente, mas o governo permaneceu intransigente, encerrado no Terceiro do Paço, não relanceando um olhar para a esquerda, a braços com dificuldades tremendas perante a irregularidade dos serviços ferroviários e a sua pouca segurança.

E agora, quando todo o mundo julgava que a Companhia e o governo solucionariam o conflito, aceitando a plataforma da Federação Nacional Republicana, foi com pasmo que se constatou que essas duas entidades continuavam encerradas no seu mutualismo, não querendo terminar com este estado de coisas. Não pôde, pois, a opinião pública, hesitar em declarar responsável o governo e a Companhia pelo que está sucedendo. Eles é que são os culpados; os ferroviários limitam-se a defender a sua dignidade, as suas reclamações, aliás pouco importantes, tendo o povo trabalhador a obrigação moral de se secundar na resistência ferrea que estão opondo aos seus dois fidejados inimigos.

O Livro Vermelho do Terror Branco

Koltchak e os «Cem-Negros»
A corroborar o que aqui dissemos sobre os pégrimos, obra de contra-revolução, a atitude do governo de Koltchak na Sibéria, e da gente que o rodeia.

Segundo uma carta de Vladivostok, datada de 26 de Abril e inserida no *Labour Leader* de 19 de Junho, um congresso de judeus, reunido em Irkutsk, tinha protestado contra a campanha feita pelo jornal *Russky Voin* (O Guerreiro Russo), órgão oficial do Comando Geral de Omsk, no sentido do provocar pogromes ou matanças de israelitas. O governo de Omsk manda para a frente de batalha inúmeros padres a fim de pregarem uma cruzada. A opinião dos generais e dos padres é que o «bolexismo» é criado e sustentado pelos judeus, com o fim de destruir a religião, a civilização e a nação (palavras dum relatório oficial sobre a acção dos bolexistas em Ufa).

O já citado jornal militarista brada, numa epígrafe, que «se aproxima a hora da vingança». É preciso activar a campanha a fim de concentrar a energia do povo russo na destruição dos seus verdadeiros inimigos, os judeus. O que os contra-revolucionários pretendem, está claro, é apontar ao povo um alvo visível e simples, aproveitando os ódios de raça. Assim, desviam as energias e atenções do povo da luta pela sua verdadeira emancipação e fortalecem a sua dominação sobre a massa, levando ao mesmo tempo do ódio judeu. Tal era, pelo menos, o plano muitas vezes executado no tempo do tsarismo. Os tempos são agora mais difíceis, mas isso não impede os reaccionários de tentarem os seus velhos processos.

A cruzada diz o correspondente de Vladivostok, parece evocar os tempos medievais, pelo seu espírito profunda-

mente místico e feroz, sendo dirigida pelas supremas autoridades eclesiásticas da Sibéria, que constituem uma espécie de Santo Sínodo provisório.

Antes da revolução, os judeus não podiam entrar na Santa Moscúvia. A revolução suprimiu todas essas restrições, tendo Moscúvia aumentado grandemente de população sob o regime bolexista. Mas os judeus, se a contra-revolução triunfasse, e o exército de Koltchak entrasse na cidade santa.

Amostras da sua «brandura» temo-las desde já. Mas isso fica para outra vez.

Nova guerra?

«A questão de Chantung, provocará a guerra entre os Estados Unidos e o Japão»

WASHINGTON, 22.—Em certos meios diplomáticos acredita-se que a questão de Chantung pode provocar um conflito armado entre os Estados Unidos e o Japão. Afirma-se que o sr. Lansing, secretário de Estado, escreveu ao presidente Wilson uma carta, na qual declarava ser absolutamente hostil à decisão tomada no que respeita à questão de Chantung e que a guerra seria fatal se o Japão se apoderasse desse território. O presidente Wilson não deu publicidade a esta carta, a fim de não alarmar a opinião. Notou-se, porém, que foram logo expedidas ordens para a organização dum exército de 500.000 homens.

Congresso Socialista Francês

PARIS, 23.—O Congresso Nacional Socialista reuniu-se há em Paris nos dias 11, 12 e 13 de Setembro próximo.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Trabalhar...

Um senhor chamado Guedes, que é o mais espirituoso dos Oliveira que escrevem em jornais da Invicta, conclui numa das suas últimas crónicas que «o trabalhador de hoje, se alguma coisa deseja, é não trabalhar». Isto a propósito do mal estar geral, resultante da míngua de produtos de que o país, ou melhor, de que a Europa actualmente enferma. A miséria do mundo é evidente, conseqüenciada numa guerra de anos que os trabalhadores, aliás, não provocaram. É para que a resurreição económica se produza mister é trabalhar, e a má cara. Os operários não fazem outra coisa. Mas para cada cem trabalhadores existem cento e tantos vadiolos, mamando o suco vital pelo biberão político ou sugando o suor de quem produz. Não temos pão, nem indústria, nem dinheiro. Olham para tal miséria os jornalistas e vão de exclamar, como Castilho: — *Trabalhai, meus irmãos!* — Melhor seria que dessemes eles, reflexivamente: *Trabalhai!* pois do que se precisa é de trabalho. Os operários trabalham oito horas, mas muitos dos que o incitam a fadigas de antigos escravos, não olham para si. Trabalham essas mesmas oito horas todos quantos o Estado subsidia, em mistérios ou inilúes, ou nocivos, e nós vemos se a produção aumenta ou não. Oito horas de trabalho tem já uma parte do operariado — e chegam bem oito horas de cansaço para aqueles cujo gasto representa não mais que metade ou menos do esforço por eles feito.

Jornais informativos

Reuniu na Suíça, em Basileia, um congresso socialista, que acaba de encerrar os seus trabalhos. Também a imprensa indígena, de grande informação, tem contado em pequenas doses telegráficas o que lá se passou. É assim que ontem vinha, no jornal lisboeta, de mais informes, que é como quem diz de maiores petas, a notícia de que os congressistas «combatem» a «proposta de se ingressar na Internacional de Moscúvia». Eis que se nos depara uma folha francesa onde, a respeito do mesmo assunto, pode ler-se, em telegrama de data anterior, que «depois de uma discussão de oito horas, o congresso aceita, por 318 votos contra 147, a proposta para a entrada imediata do Partido na terceira internacional de Moscúvia». Como se vê, contradição completa. Isto de jornais informativos, pelo menos em Portugal, até já houve quem quizesse lê-los de pernas para o ar, a ver se eles assim falariam verdade. Não conseguiram nada. O melhor que há a fazer é lê-los a gente com um olho só.

Greves

Que nós saibamos, estavam ultimamente greves na Silésia, de mineiros e electricistas, na Tunísia, de ferroviários na Dinamarca, de *dockers*, e em muitos outros pontos, como aqui temos consignado. Queremos dizer que o movimento grevista avassala o mundo inteiro, suponham embora certos parva-folhas que só em Portugal se produzem abandonos colectivos de trabalho, quando é Portugal, não como em tudo, exceptuados os assaltos políticos à mão armada, o mais sóbrio dos países. As greves são, afinal, o bochejo primeiro do leão dormiente. Depois do bochejo virá o espreguiçamento. Seguidamente o rugido. E, finalmente, o despertar. Não sabemos se entendem, os parva-folhas.

NO JARDIM DA ESTRELA

O festival de ontem

Realizou-se ontem no jardim da Estrela o anunciado festival promovido pela Comissão dos Sanatórios para Empregados Tuberculosos dos Caminhos de Ferro do Estado e dirigido do Coife de Amparo para Viúvas e Orfãos dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, em benefício dos seus cofres.

O espectáculo decorreu animado, tendo-se realizado quasi todos os números do programa. Recitaram e disseram interessantes poesias, sonetos, etc., os actores Augusto de Melo, Alvaro Pereira, Humberto Miranda, Almeida Cruz e Erico Braga, e as atrizes Adelinha Fernandes, Lima de Oliveira, Laura Costa e Tina Coelho. Foram todos muito aplaudidos, assim como Mili, excêntrico musical.

AcompANHOU os artistas a orquestra do Eden.

A banda da guarda republicana, deu um soberbo concerto, sempre muito aplaudido pelo auditório.

Tocou também, a abrir e a fechar o festival a Banda Euterpe Alhandreense sob a direcção do maestro Serra e Moura.

No teatro S. Luis

Os carpinteiros de scena declararam-se em greve

Os carpinteiros do teatro S. Luis, reclamaram, quando a revista *Pé de Meia* foi a scena, que o seu salário, de mil de \$30 fôsse aumentado em \$10, ficando, assim, equiparados aos seus camaradas do teatro da Trindade, que ganham \$40.

Recusou-se a empresa a satisfazer essa reclamação, motivo pelo qual os carpinteiros de scena se declararam em greve, tendo sido presos alguns arbitrariamente e conduzidos ao governo civil.

PREPARANDO A REVOLUÇÃO

A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

tem que preparar os seus militantes para o advento da

:: :: Sociedade Nova :: ::

O problema da instrução popular foi dos que mais serviram para a propaganda republicana em Portugal. Efectivamente, muita razão tinham os precursores da República ao falar da necessidade da criação de escolas, quer de ensino primário, quer de ensino secundário e superior. O povo necessitava realmente de instrução, visto que 70 por cento da população era analfabeta.

Mas este problema, como, afinal, tantos outros que os caudilhos da República esqueceram momentos após a revolução, não foi resolvido. Pouco mais fez a República, no respeitante à instrução, do que formar um ministério, não sabemos bem com que fim, mas cremos que não com o de resolver o problema pedagógico. Muito pelo contrario, o ensino continuou como nos omínios tempos da monarquia. E se algumas reformas foram feitas no regime escolar, não consistiram elas em mais do que na substituição de professores e na abertura de algumas escolas que, feitas as contas, não valeram de nada para o combate ao elevado grau do analfabetismo.

Este assunto interessa, ou deveria interessar, muito particularmente às classes operárias, sabido como é que os ricos nada tem que fazer e podem, portanto, passar a vida na escola, enquanto os operários são forçados a dar ingresso na oficina logo que atinjam a idade em que o organismo está suficientemente formado para poder difficilmente, com o trabalho que lhe é imposto.

Não aprendem muito os ricos, que são excepionalmente, mas menos ignorantes do que nós. Mas, enfim, para lá passam a vida nos bancos dos collegios, e a água mole em pedra dura tanto dá até que fura.

Não se cansam os adeptos da fórmula política que ultimamente nos tem governado, de apregoar os benefícios trazidos para o desenvolvimento da instrução pela implantação do regime democrático.

A verdade, porém, é que o analfabetismo pouco ou nada tem decrescido. E se o tem, mais se deve a natural evolução dos povos do que aos esforços dos governos. Além de que as fórmulas de ensino nada diferem das antigamente usadas, visando mais à formação de cidadãos patriotas e respeitadores das leis, do que de homens livres e cultos.

Os filhos dos operários entram para as escolas primárias, quando entram, e logo ali, desprezando absolutamente tudo quanto pode ser útil ao aluno, lhes começam a ministrar uma série de mentiras que, longe de prepararem um homem apto para o bom desempenho do papel que lhe há de ser destinado, fazem dele um patriota e, quantas vezes, um político precoce.

Daí resulta que saem os trabalhadores da escola para a oficina — quando por aquela transitam — e nada, ou quasi nada sabem que facilite a aprendizagem do mister a que se dedicam, mais pela força das circunstâncias do que por tendência ou propensão.

Só um ou outro operário com certa vocação para o estudo, desenvolve a in-

teligência nas curtas horas que o trabalho cotidiano deixa livres; mas isto, quasi sempre sem método e, sobretudo, sem elementos que auxiliem o seu desejo de aprender.

Ora são estes operários, na maioria dos casos, os acómmodados de *meneurs* pelos governantes, exactamente porque são eles os que melhor sabem ver a po-dridão da organização social em que vivem, e para a qual contribuem, por uma série de absurdas anomalias.

Não é raro verem-se estes operários mais conscientes e cultos rodeados duma multidão doutros trabalhadores que, por não terem igual vocação para o estudo, por não possuírem o espirito do sacrificio, e ainda, sobretudo, porque não tem onde adquirir os necessários conhecimentos, não podem occupar-se dum certo numero de problemas e de trabalhos, pelos quais aqueles tem de sacrificar-se.

Nas provincias, muito especialmente nos pontos mais afastados dos grandes centros industriais, a falta de cultura é maior ainda entre os operários. E é por este facto, natural conseqüência do desequilíbrio, em que vivemos, que os burgueses, que passaram a vida inteira a roçar as nádegas pelos bancos das escolas, se admiram quando veem erguer-se uma classe de trabalhadores a fazer qualquer reclamação, ou a protestar contra qualquer violação.

Não acreditam, eles que pouco acima de burros ficaram tirado o diploma do curso em que gastaram uma grande parte da sua vida, que os operários saibam dizer o que querem. A não ser que indivíduos estranhos, que não são operários, em seu entender, vivam à custa dos reclamantes, ensinando-lhes o caminho.

Daí lhes vem o titulo de agitadores de profissão, tantas vezes usado, à falta de melhor explicação para o facto de serem sempre os mesmos os operários a pôr-se em evidência em qualquer movimento. De facto a *lille* existe. Não vive à custa das associações. São estas que vivem à custa do seu esforço.

E a *lille* é, infelizmente, ainda pequena, e necessário se torna que ela aumente até ao ponto de desaparecer, ou seja até ao desaparecimento da differença existente entre os orientadores e os orientados, se possível fôsse.

A própria *lille* de hoje precisa melhorar-se, desenvolver-se, aumentar a sua bagagem de conhecimentos.

Com o aproximar da Revolução inevitável o âmbito das lutas sindicais vai-se dilatando. Com elle deve aumentar a autoridade dos militantes operários. Há problemas da maior transcendência a estudar. Devemos entrar no caminho da organização e da preparação da sociedade de amanhã, que será mais perfeita quanto maior for o grau de perfeição em que nos encontramos.

Devemos iniciar desde já o estudo das questões de interesse vital para a humanidade. Simultaneamente com a propaganda, que não devemos descuidar, temos que estudar e trabalhar muito para atingirmos o grau de preparação indispensável para fazermos a revolução.

NA HUNGRIA

Os socialistas romenos protestam contra o esmagamento da revolução húngara

Os socialistas romenos publicaram na imprensa avançada de Paris o protesto que a seguir transcrevemos, o qual bem demonstra a indignação que despertou entre o proletariado romeno a brutal intervenção do seu país nos destinos da Comunha Húngara.

«A oligarquia romena obteve uma victoria. Os seus exercitos de escravos entraram em Budapest. Cobrem-lhe a triste e ignóbil missão de esmagar, pela força brutal, a Revolução húngara. Foi o carrasco executor da joven republica socialista da Hungria.

A Romenia tem jús aos agradecimentos do capitalismo internacional. O triunfo da sinistra tarefa desencadeou a ebria alegria de todos os opressores dos povos, de todos esses para quem a derrocada de qualquer revolução operária é uma garantia, uma segurança para a sua dominação.

A oligarquia romena, a mais reaccionaria e nefasta de todas as oligarquias, prestou um belo serviço à reacção burguesa internacional. O cognome de «Polícia da Europa» no Oriente, dado à Romenia, é o que, de facto, melhor lhe corresponde.

Secundada pelo abastardamento dum povo que, através da sua historia só tem conhecido as pesadas cadeias da servidão, impostos por uma horda de boiados, capaz de todas as indignidades, encorajada pela politica imperialista e hipocrita da burguesia constituida, a Romenia anulou o prodigiosamente idealista mas «anti-democratico» esforço de Bela Kun, para fazer triunfar a «saboria democratica e regeneradora» dos Habsburgos.

Protestamos contra a pillagem, devastações e crimes praticados na Hungria pelo exercito romeno cujos processos, incontestavelmente ordenados pelos seus chefes, foram classificados, pelos proprios que patrocinam a sua

acção, como «um desafio às leis da humanidade».

Ao mesmo tempo que exprimimos a nossa repugnância pelos autores do massacre da republica sovietica húngara, manifestamos a nossa absoluta e honesta simpatia pelo proletariado da Hungria, victima da reacção internacional.

Asseguramos ao proletariado húngaro a solidariedade do operariado e do povo romeno, o qual não pode ser solidário nem responsavel pelo crime dos seus governantes e que, como o povo húngaro, detesta os assassinos da liberdade e os «policías da reacção no Oriente», que tão criminosos se tem manifestado com esse povo.

O esmagamento da revolução húngara não é senão um gorilho da mesquinha politica reaccionaria, seguida pelo governo romeno contra os socialistas da Romenia.

Contra as forças reaccionárias, cegas e brutais a força luminosa e criadora do socialismo triunfará um futuro muito proximo. A força inevitável dos factos, a marcha irresistivel da historia destruirão um regime irremediavelmente condenado pelos seus proprios erros.

O vapor inglês

«Mecklenburg» tendo enalhado na barra, considerase perdido

O vapor inglês *Mecklenburg*, considerase perdido, tendo vindo já para a Alfandega, no vapor desta casa fiscal que primeiro ali acudiu, 18 dos seus tripulantes, os quais foram enviados ao consulado britânico.

A água do mar invadiu-lhe as casas das máquinas e os porões da ré, mergulhando o navio na premar e ficando só com a proa fora das ondas. A maior parte da sua carga, composta de caixas com bebidas alcoolicas e com frutas tem sido deixada ao mar, a fim de alijar o navio. Entretanto, ainda se conservam a bordo o capitão e a officialidade do vapor, tentando, com o auxilio de vários rebocadores e caça-minas que acudiram, pôr o navio a nado.

Trabalhadores

lêdo e propagal o

O OPERARIADO ARGENTINO

A força da Federação Operária Argentina

A semana sangrenta: 800 mortos e 3.000 feridos — Como se unificou o proletariado argentino — 379.355 trabalhadores sindicados

Do diário *madrileno* El Socialista, transcrevemos a seguinte entrevista que um dos seus redactores teve com o delegado da poderosa Federação Operária Argentina, ao Congresso Internacional Sindicalista realizado em Amsterdam:

Ao ter conhecimento da estada em Madrid dos camaradas Sebastián Marrotte e Pedro Vengat, secretario e tesoureiro, respectivamente, da Federação Operária Regional Argentina, fizemos tenção de os visitar. O movimento operário argentino sempre nos interessou de um modo especial e nós, que nos vimos do ibero-americanismo de Rodrigues Sampedro, temos certa singular simpatia por aqueles trabalhadores que falam o nosso idioma e aquela organização, em cujas fileiras encontramos tantos espanhóis.

Portém o que mais nos fez acercar dos amigos argentinos, era o conhecimento das perseguições de que temido salvo do caracter brutal e sangrento que às vezes tem ali a contenda, da resolução e do entusiasmo que existe no coração daquele proletariado, que de cada atropelo, de cada nova injúria, sai mais forte, mais brioso, com uma maior confiança no triunfo definitivo de que o acerca, tanto como a sua decisão, a barbara repressão, a incompreensão suicida da burguesia argentina.

Sabedores da variedade de criticas e de prejuizos de escolas que entre os trabalhadores argentinos existem, acercamo-nos desses camaradas com alguma reserva. O franco sorriso de Marrotte e o cordial acolhimento de Vengat, desarmam-nos e, enquanto acendemos um cigarro, diz-nos o primeiro:

— Pergunte o que quizer, teremos verdadeiro prazer em lhe responder. Interrogamo-lo sobre o motivo da sua estada em Madrid, pois vinham com a intenção de assistir à Conferência de Amsterdam.

Inconvenientes, surgidos à ultima hora no consúlio francos tornaram impossível a nossa viagem. Porém, aproveitaremos a nossa vinda à Europa, para estudar os diferentes organismos centrais, a sua orientação e constituição interna.

A conversação deriva francamente para o movimento operário argentino e, adiantando-se a uma pergunta que me era obrigada, refere-se ao grande crime da burguesia do Plata, a semana sangrenta e à campanha reaccionaria que se seguiu.

— Com um movimento espontâneo que tinha a sua origem na greve dos metalurgicos da casa Varenas, vilmente assassinados pela policia, quizeram construir uma sangrenta noite maximalista as gentes que, occuparam o Poder, e ao calor de uns quantos *complots* policioscos se cometeram os mais espantosos crimes.

Para os nossos leitores darem conta da gravidade dos acontecimentos, basta apenas dizer que os trabalhadores mortos no capital passaram de 800, de 3.000 os feridos e de igual cifra os presos em conseqüência de tão lamentáveis factos.

— A nossa burguesia — diz nos Marrotte — maneando o espectro bolexista, organizou a perseguição aos militantes estrangeiros e a barbara lei de Defesa Social promulgada em 1910, devido à gravidade dos movimentos sociais, a que a celebração do centenario deu lugar, foi aplicada com inaudita crueldade.

— Isso deve ter desde logo quebrantado os quadros da organização operária — respondemos inocentemente.

— Não o creia. O admirável de todas estas coisas é que os atentados da burguesia e dos governos não fazem senão robustecer a nossa posição. A destruição dos nossos Centros e os assaltos às redações dos nossos diários, não fizeram senão engrassar as fileiras dos nossos Sindicatos, e depois da semana sangrenta, em pleno período da repressão, fizeram-se greves formidáveis, e até os empregados dos Bancos conseguiram sindicatizar. Somos uma força que actua constantemente, que trabalha sem descanso; uma organização ágil e inquieto que trata, além disso, de fazer obra construtiva e que aspira a conquistar uma perfeição organica que ainda não tem.

Marrotte exalta-se sensivelmente ao falar da Federação Operária Argentina. O seu rosto moreno e inteligente reflecte a satisfação que sente ao falar dum organismo por cuja formação tanto lutou.

Recordamos, timidamente, as profundas divisões que existiam entre os trabalhadores de Buenos Ayres, e suavemente, fizemos notar a nossa satisfação porque se haja feito a concórdia; inquietos da forma como conseguiram a unificação, num só organismo nacional, dos elementos que formavam a União Geral dos Trabalhadores, orientada em sentido socialista; as sociedades autónomas que dirigiam os socialistas que se separaram do velho partido em 1906 e que se denominaram *sindicalistas*, e a Federação regional, a mais potente naquelas épocas, formada por elementos que declaravam aceitar a fórmula do comunismo anarquista.

Testemunhas daquellas lutas, recordamos alguns incidentes e, sobretudo o primeiro Congresso de fusão, celebra-

do em 1907, que presenciamos e que só serviu para mais cavar a divisão existente.

Os nossos interlocutores sorriram ante este desejo um pouco timidamente confessado. E depois, com todo o detalhe, nos contaram a dolorosa gestação dessa união, tão felizmente terminada e de cujos resultados poderio julgar agora os nossos amigos.

— Depois do Congresso de 1907 que v. presenciou, celebraram-se outros em 1909, em 1912 e em 1914 com o mesmo resultado. Os anarquistas, um pouco mais exclusivistas que os demais grupos, desfizeram uma união pactua numa dessas assembleas, que determinou o nascimento da Confederação Nacional do Trabalho, que fracassou ruindosamente e, por fim, depois de árduas polémicas e de enormes esforços, a União Geral dos Trabalhadores e as associações autónomas pediram o ingresso na Federação Nacional Argentina.

No Congresso de 1915, que a Federação celebrou, aprovaram-se as bases que actualmente a regem, e em que há uma declaração afirmando o caracter associativo e anti-patronal da instituição e fazendo constar que não está adstrita a nenhuma escola socialista, respeitando os diferentes pontos de vista que nesta questão tenham os seus componentes.

Imediatamente o camarada Marrotte deu abaixo dos nossos olhos um mapa demonstrativo das forças sindicatistas na Argentina e que prova melhor que quaisquer palavras os resultados da fusão.

— Até 1915 (momento da fusão) 21:332 cotizantes; até 1916, 41:124; até 1917, 158:355; até 1918 e fins de novembro, 379:355.

— O numero de filiados tende a aumentar e note que só-lhe damos o dos *cotizantes*. Compreenderá a força que esta cifra de aderentes representa numa nação de oito milhões de habitantes.

Um pouco surpreendido por um tão rápido desenvolvimento dos núcleos sindicatistas, perguntamos a causa de tão maravilhosos crescimento.

— Ela está — diz-nos — na obra da constante propaganda que realizamos e também no numero de lutas que mantemos. A burguesia quer contrariar a nossa obra criando a Associação do Trabalho. Só logrou agravar a luta, dando caracteres mais graves à peleja.

A carestia da vida lá por fora

As medidas do governo dos Estados Unidos — Distúrbios em França — As autoridades perseguem os acambradores

O governo norte-americano tomou conta de todos os artigos de primeira necessidade, sendo determinado pelo ministro da justiça que se transmitissem as correspondentes instruções a todo o território da União, para que esses artigos sejam postos à venda a fim de se estabelecer os seus preços.

Os municípios venderão os aprovisionamentos pertencentes ao exercito. O commissário do serviço de fraudes comerciais de Paris ordenou o registo em todos os talhos da capital.

No dia 20 foram multados e processados 35 cortadores por venderem carne mais cara do que marca a tabela oficial.

Os consumidores de Fiuma, Garonne, presididos pelo «maire», constituiram uma liga contra a carestia da vida, recomendando ao presidente a todos os munícipes que se abstenham de comprar quando os preços vão além da tabela.

Em Troyes tem-se dado distúrbios nos mercados públicos, invadindo os consumidores um estabelecimento de comestiveis, obrigando o seu proprietário a vender com 50 por cento de abatimento.

Um vendedor de frutas que tentou resistir foi maltratado pelo povo, tendo a policia de intervir.

Em Carcosonne, a Bolsa de Trabalho votou uma moção, pela qual, depois de demonstrar que um hectolitro de vinho que se vende por 130 a 140 francos se compra por 30 ou 40, se convidou o governo a proibir imediatamente por decreto as compras nas tabernas, que são a base de toda a especulação vinícola.

Em Antich, o commissário especial dos mercados fechou 13 talhos, onde a carne se vendia mais cara do que fora estabelecido oficialmente.

Os vendedores de outros generos baixaram espontaneamente os preços desses generos.

O «comité» de acção do partido operário suíço celebrou uma reunião em Berne, para tratar do abatimento dos preços dos artigos de primeira necessidade, resolvendo fazer ao conselho federal as seguintes solicitações:

Abatimento nos preços dos alimentos de forma a que possa estabelecer-se o equilibrio entre a tabela de salarios e a custo da vida;

Abatimento immediato dos preços do pão, leite, carne, banhas, queijos, frutas, legumes e chocolate;

